

# Onde menos vale mais

## Injequaly contorna crise bombando na injeção diferenciada

Em seu quarto ano de joint venture com a norte-americana **Viking Plastics**, a brasileira **Injequaly**, centrada em peças técnicas, promove ajustes de rota em razão do declive presenciado desde 2014 nas vendas da indústria automobilística, seu principal mercado. “Com o recuo

injeção como um todo, uma parcela menos sensível ao impacto da crise que a produção maciça de artefatos injetados convencionais e tanto é assim que a Injequaly cresce este ano, como vem fazendo desde 2013”.

Alojada em galpão alugado de condomínio industrial em Itaquaquetuba, Grande São Paulo, a Injequaly roda seis dias por semana em regime de três turnos e tem 67 clientes ativos em carteira, especifica Esteves. Sua linha de ação é pautada pela mesma estratégia de três pilares em vigor na matriz da Viking Plastics e em sua outra joint venture, na China. “O primeiro ponto é trabalhar por um crescimento de vendas escorado em clientes satisfeitos”, expõe

“Não lidamos com injetoras pesadas porque exigem mais expertise, seu tempo de regulação de set up é maior e seu desempenho é menos rentável”, argumenta Goodsel.

Nos EUA, a Viking Plastics opera um contingente de 42 injetoras em duas plantas e, na China, toca a joint venture com 11 máquinas. Goodsel reconhece que poderia ter desembarcado por aqui por sua conta e risco, sem parceiros locais. Mas, tal como na China, ele enxerga no modelo de joint ventures, um risco menor para seu investimento. A propósito, ele adianta estudar o ingresso da Viking Plastics no México, mediante a compra de um transformador local. “O país está crescendo e alojando operações de vários clientes globais nossos, como montadoras de carros”. Radares setoriais projetam para o México a produção de 4 milhões de veículos no ano que vem, rumo a 5 milhões em 2020, na garupa de grifes como BMW, Nissan, GM, Ford e VW.

A pior recessão da nossa história não passa em branco aos olhos de Goodsel. Ainda assim, reitera, a Injequaly tem fôlego para tocar o barco em frente em seu nicho de vendas de tiragens comedidas, mas lucrativas. “Trabalhamos com a estimativa de crescer de 25% a 30% na receita deste ano e vamos manter esse pique em 2018, quando deveremos comprar duas injetoras”, sinaliza Esteves, sem abrir o faturamento. Goodsel toma carona neste otimismo. “Empresas norte-americanas estão vindo para o Brasil, o mercado interno é grande e, mais hora menos hora, a retomada vai acontecer”, ele confia. “Não fosse assim, qual o sentido em aplicar tantos recursos na Injequaly?” •



Masseiro, Kelly e Esteves: rentabilidade tem primazia sobre volume de vendas.

da produção nacional de carros aos níveis de 2009, saímos em busca de outros campos”, informa o sócio executivo Fernando Esteves. Nesse garimpo, já pintaram pedidos que vão de peças para distribuidoras de gás natural a componentes para equipamentos destinados à fabricação de embutidos, ele solta, arisco a detalhes.

Esses retoques no planejamento não alteram a vocação traçada para a Injequaly desde que a Viking Plastics comprou 50% do seu controle, cabendo a metade restante a Esteves e Marcelo Dias Masseiro. Conforme eles salientam, o perfil da transformadora prossegue o de uma boutique de injeção. “Trata-se de uma empresa de nicho”, define Kelly Goodsel, CEO da Viking Plastics. “Ela atua numa pequena fatia do mercado de

Kelly. “O foco não é o volume de vendas, mas sua rentabilidade”. A segunda perna do tripé é o combate ao refugo gerado em linha. “Em 2016, nosso índice de geração de rejeitos era de 6,7% e fechou julho último na marca de 4,6”, comemora Esteves. Goodsel retoma o fio apontando o terceiro pilar. “Investimos na valorização do efetivo de 36 funcionários, reciclando com constância seus conhecimentos e promovendo reuniões periódicas sobre as vendas realizadas, prazos de entrega, problemas de qualidade e redução de aparas na produção”, assinala o dirigente, grifando que 30% do faturamento são aplicados na automação do processo. O parque fabril da Injequaly hoje possui três robôs e 10 injetoras hidráulicas com forças de fechamento entre 250 e 450 toneladas.